

Título: Pode o autismo ser diferenciado da esquizofrenia?

Paula Pimenta e Cristina Drummond

Resumo: O texto traz os pontos de elaboração da pesquisa realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças no ano de 2009 sobre o tema do autismo. As autoras problematizam a equivalência entre autismo e esquizofrenia, ao relacionarem as considerações de importantes autores do campo freudiano que propõem uma diferenciação entre eles. Tais particularidades têm seu valor para a direção do tratamento com autistas em uma clínica que se pretende orientada pelo real.

Palavras-chave: autismo, esquizofrenia, tratamento, objeto autístico, duplo.

Title: Can autism be differentiated from schyzophrenia?

Abstract: This paper presents the main points developed by Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças (Children's Psychoanalysis Research Group) in 2009, about autism. The authors discuss a possible equivalence of autism and schyzophrenia; for that purpose, they establish important considerations developed by authors from the Freudian Field, which propose a significant differentiation between both conditions. Such peculiarities are valuable to provide guidance for the treatment of autism in a clinical approach that intends to be Real-oriented.

Keywords: autism, schizopenia, treatment, autistic object, double.

Pode o autismo ser diferenciado da esquizofrenia?¹

Paula Pimenta e Cristina Drummond

O Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças do IPSM-MG dedicou-se a investigar o tema do autismo, no ano de 2009. Nosso grupo de trabalho orientou sua pesquisa com a pergunta sobre a importância de se conceber o autismo dentro do campo da psicose, especificamente da esquizofrenia. No presente texto, procura-se tensionar tal questionamento, ao se relacionarem as considerações de importantes autores do campo freudiano que ensaiam uma diferenciação entre o autismo e a esquizofrenia.

Essa oposição não é de modo algum simples de ser realizada, uma vez que os pontos de aproximação entre eles são bem conhecidos; dentre esses, destacam-se o Outro tomado como invasivo e o recurso encontrado por esses sujeitos, no tratamento, dirigido à criação de um órgão fora do corpo que possa funcionar como uma suplência.

Entretanto, a clínica com autistas mostra sua radical posição diante do Outro, em uma tentativa de anulá-lo, e suas dificuldades em encontrar recursos para construir sua relação com o mundo. As formulações desses autores quanto a uma distinção entre o autismo e a esquizofrenia se mostram, portanto, pertinentes, ao mesmo tempo em que se tornam mercedoras de cautelosa explicitação. Assim, algumas afirmações serão referidas e deixadas em aberto, como indicações para um posterior desenvolvimento da pesquisa.

Autismo X Esquizofrenia

Em suas escassas menções ao tema do autismo, Lacan (1975/1998) o aproxima da esquizofrenia, sobretudo no que diz respeito à *holófrase*, ao “algo que se congela” nesses dois quadros clínicos. Éric Laurent também prefere não diferenciá-los.

Por outro lado, os Lefort já intuíram haver no autismo uma posição tão radical diante do Outro que chegaram a propor a exterioridade do autismo em relação aos padrões das estruturas clínicas estabelecidas pela psicanálise — psicose, neurose e perversão — considerando-o como “a-estrutura”.

Rosine e Robert Lefort apontam distinções entre o autismo e a psicose, afirmando que, dado o fracasso maciço da *Metáfora Paterna*, no autismo, não haveria Outro, nem objeto *a* — o que equivale a dizer que não haveria inscrição da falta. A criança autista encontrar-se-ia diante de um Outro maciço e total, ficando, por isso, um laço corpo-a-corpo, sem divisão nem de um lado, nem de outro. O Outro se reduziria a uma ausência. Também faltaria a imagem especular. A criança

estaria por inteiro no lugar do objeto *a*, enquanto não especularizável. O psicótico, por outro lado, teria um objeto e um Outro; mas esse objeto estaria incorporado ao real como um objeto *a* mais. No autismo, seria o sujeito que estaria *a* mais, tanto que procura desaparecer.

Eles trazem a ideia de um duplo real do autista, não especular. Não se trataria do duplo da agressividade narcísica, em que o paranoico é tomado. Para os Lefort, o autista estaria no lugar do objeto *a* como não especularizável, sem imagem constituída no espelho do Outro, um puro real. Esta não é a posição de objeto do Outro — como é proposto para a psicose — pois o Outro absoluto do autista não presentificou uma falha que pudesse estabelecer alguma alteridade fora-significante, lugar do objeto *a*. Ao autista restaria, então, o lugar mesmo do Outro, seu duplo.

As contribuições dos Lefort, ressaltando a importância do duplo para os autistas, e de Frances Tustin, com a fineza de sua observação sobre a relevância do lugar ocupado pelos objetos para esses sujeitos, levaram Maleval (1997) a propor uma distinção entre autismo e esquizofrenia, ao mesmo tempo em que os mantém dentro do campo das psicoses.

Alexandre Stevens (2008) mostra-se de acordo com Maleval, entendendo que autismo e esquizofrenia são dois modos de resposta do sujeito para um real com o qual ele se deparou no momento de sua entrada na linguagem, no seu primeiro encontro com o Outro. Para o autista e para o esquizofrênico, o Outro se mostra invasivo, mas o grau dessa invasão seria diferenciado.

Listam-se, a seguir, os pontos de distinção entre autismo e esquizofrenia recolhidos das elaborações desses autores:

1. Importância do duplo e do objeto autístico

Para Maleval (2009), quando a criança autista pode fazer uso desses dois mecanismos fundamentais — duplo e objeto autístico — ela o faz de maneira diversa daquela dos esquizofrênicos. A criança autista coloca-se ali sempre na posição de controle, tomando o duplo e os objetos como elementos a partir dos quais ela pode ordenar sua realidade. Desse modo, eles passam a ter para ela uma função tranquilizadora. Maleval indica que o sujeito autista usa o objeto para se animar libidinalmente e para regular o gozo pulsional. Além da invenção do uso particular do objeto, o autista cria um duplo do qual ele aceita se fazer parceiro, escapando do desaparecimento.

O duplo e os objetos estão também presentes na clínica da esquizofrenia, mas com uma função por vezes distinta e sempre subordinada a temas delirantes. O autista não constrói uma realidade delirante. Para Maleval, esse dado clínico

fundamentaria a impossibilidade de uma evolução do autismo para uma paranoia. Analisando os testemunhos dos sujeitos autistas escritores, Maleval afirma que a evolução do autismo se faz para um autismo melhor compensado, parecendo desconsiderar, nessa assertiva, uma saída do autismo pela esquizofrenia.

Ainda para esse autor, quando a criança autista é privada desses dois principais mecanismos protetores — quando lhe é retirado seu objeto ou quando sai de cena o duplo — o gozo retorna sobre seu corpo e, nessa situação, surgem nas crianças autistas “quadros clínicos que se mostram difíceis de serem diferenciados da esquizofrenia” (MALEVAL, 2009, p.11). Essa afirmação quanto a uma semelhança entre autismo e esquizofrenia diante da ausência dos mecanismos protetores autistas merece um melhor entendimento.

2. Linguagem e imagem especular

O autista recusa a linguagem, a relação com o outro e toda posição de enunciação que articularia o corpo com a linguagem. Porém, sua relação com os objetos pode permitir-lhe construir uma relação pacificada com o mundo e com o outro. Nos autistas, o semelhante não se origina na alienação e na alteridade, mas emerge a partir do mesmo, como duplo. A ausência de alienação no significante do Outro exclui a identificação, fazendo do duplo um componente fundamental e estrutural do autismo. O duplo é a “divisão do sujeito no real”. E, nesse mundo real, o espaço virtual não existe. O espelho não está à sua disposição como lugar onde significar uma perda. Para o autista, o especular não existe. A imagem especular torna-se impossível e o semelhante torna-se tão ausente quanto o Outro.

Na esquizofrenia, Alexandre Stevens aponta a invasão que surge por meio do olhar, demonstrada na dificuldade do esquizofrênico em se constituir uma imagem do corpo, vivenciando-o como despedaçado. Já no autismo, Stevens sublinha a dificuldade especialmente com a voz, que não se faria presente nem em seu nível primordial, que seria o balbúcio do bebê.

Em uma conferência realizada na Biblioteca da EBP-MG, em outubro de 2009, François Sauvagnat relembrou que o delírio pode ser considerado uma enunciação do sujeito, seguindo a afirmação de Lacan, que diz ser o sujeito “imaneente à sua alucinação verbal” (1985, p.243). Esse pode ser um dado interessante para se pensar a distinção entre autismo e esquizofrenia, pois a criança autista apresenta uma ausência de enunciação. É o que Lacan dizia quando afirmava que os autistas são “verbosos”. Eles falam com um mínimo de mensagem e sem que a emoção seja nela transmitida. Sua fala muitas vezes não passa de um automatismo mental. Algumas vezes, ela está conectada com uma significação, mas desconectada de um sujeito, sendo uma resposta que visa a eliminar o Outro.

Acompanhar o trabalho desses sujeitos faz apostar no fora de sentido, consentir em sua verborragia sem sentido e sem blá-blá-blá, universo no qual a marca de gozo não é extraída da palavra e a emissão da palavra é vivida como uma mutilação.

3. Retorno do gozo no corpo ou na borda

Maleval insiste na indicação de que o tratamento dos sujeitos autistas deve visar uma reabilitação do objeto autístico. Tal orientação clínica tem como apoio a ideia de que o gozo, para esses sujeitos, diferentemente do paranoico e do esquizofrênico, retorna sobre uma borda. Essa asserção marca outra diferença entre autismo e esquizofrenia, ao considerar que há um retorno do gozo sobre o corpo, na esquizofrenia, e um retorno do gozo sobre a borda, no autismo.

Tal afirmação, com base na topologia lacaniana, merece ser desenvolvida nesta investigação, a fim de se compreender melhor a distinção proposta.

4. A invasão do Outro e os modos de defesa do sujeito

Alexandre Stevens diz que, se, no autismo e na esquizofrenia, o Outro é tomado como invasivo, para os autistas, essa invasão encontra-se para além dos campos da demanda e do desejo. O que é invasivo para o autista é a pura presença do Outro, vivenciada em excesso, sobretudo por meio da voz e do olhar. Trata-se, então, de tornar o Outro inexistente, seja pela destruição, seja por seu afastamento.

Stevens ressalta que, mesmo havendo, no autismo, a invasão da presença do Outro e sua busca de anulá-lo, quando a criança o anula, ele não fica totalmente ausente, apresentando-se como um fantasma real. Apesar de ficar a certa distância, suas emoções permanecem sem que o sujeito consiga interpretá-las. Os autistas sofrem dessa impossibilidade de dar significação à presença do Outro. Uma parte da pulsão de vida do sujeito permanece conectada intermitentemente com o Outro, e a experiência das instituições de orientação lacaniana fez verificar que os autistas estão em um trabalho constante para lidar com esse excesso que os invade.

Quanto ao esquizofrênico, Stevens diz que, se o autista não quer escutar o Outro, o esquizofrênico quer anular o dizer do Outro. Encontra-se, nos esquizofrênicos, menos uma retirada pela ausência do que uma tentativa de destruir o Outro, agressiva ou irônica, com relação à palavra do Outro. O esquizofrênico ataca a língua, às vezes, desconectando-se dela, derivando o sentido pela metonímia e refugiando-se no niilismo. Por isso, Lacan dizia que eles não faziam qualquer recurso ao discurso estabelecido.

Os objetos autísticos

Ao realçar a importância do objeto autístico para essas crianças, Maleval se preocupa em diferenciá-lo do objeto transicional, proposto por Winnicott. Este surge no caminho do *Fort-da* freudiano e tem como função representar a perda do objeto. A via dessa representação é a significante, em que a palavra implica a morte da coisa. O sujeito manipula seu objeto transicional por uma posição ativa.

O objeto autístico tem a inversa função de proteger o sujeito da perda. Ele não é um substituto materno que a ela se refere; ele a substitui de modo permanente. Com ele, o autista mantém uma relação transitivista, pela via do que Tustin (*apud* Maleval, 2009) denominou de uma "equação adesiva", em oposição à identificação adesiva.

As condutas "liga-desliga" (*on-off*) dos autistas são, como o *Fort-da*, uma maneira de tratar a negatividade da linguagem e a dor da perda do objeto. Porém, enquanto o *Fort-da* trabalha com o significante, as condutas *on-off* recorrem ao signo. De acordo com sua natureza, o signo não apaga o objeto que ele representa, mas, ao contrário, a ele se correlaciona estreitamente.

Retomando sua proposta classificatória da função dos objetos autísticos para o sujeito, Maleval propõe diferenciar aqueles objetos autísticos simples dos complexos. Parte da observação de Tustin quanto ao lugar fundamental desses objetos para os autistas, mas discorda parcialmente de sua consideração de que tais objetos se apresentam como um empecilho à relação do autista com o mundo. Maleval concorda com esse aspecto autoerótico do objeto autístico simples, isolado por Tustin, mas leva em conta sua função de duplo "vivo", que pode vir a ser portador de um retorno de gozo sobre a borda, para valorizar seu uso pelo autista.

Quando esse objeto autístico simples se articula ao Outro de síntese,² ou quando ele participa de uma ilha de competência, ele se torna um objeto autístico complexo, capaz de enquadrar a presença excessiva do objeto, mantendo-o à distância. O objeto autístico simples encontra-se colado ao sujeito, a serviço de um autoerotismo que o isola. O objeto autístico complexo afasta o gozo do corpo do sujeito para localizá-lo sobre uma borda, que não funciona somente como barreira ao Outro, mas também como conexão à realidade social.

Para finalizar

Viu-se que a importância do objeto autístico — seja ele simples ou complexo — e da função do duplo particulariza a clínica com autistas, diferenciando-a, sob esses aspectos, da clínica com esquizofrênicos.

Considera-se que essas elaborações teóricas devem servir para se pensar os casos atendidos no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças do IPISM-MG, em uma continuidade da presente pesquisa, deixando que a clínica evidencie, nas proposições levantadas, sua legitimidade e suas indagações.

Se a orientação na clínica do autismo visa ao tratamento do gozo, a promoção dos índices de apresentação do sujeito como uma resposta possível e uma estabilização que possibilite um laço, a distinção entre autismo e esquizofrenia é, não um exercício de preciosismo, mas um exercício de orientação pelo real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. *O Seminário*. Livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1975) Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n.23, p.6-16, dez.1998.

LEFORT, R.; LEFORT, R. Autisme et psychose, deux signifiants: "partie" et "cassé". *Séries Découverte Freudienne*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, n.8, p.229-238, 1992.

MALEVAL, J.-C. Ébauche d'une approche de la spécificité de la psychose autistique. *Groupe Petite Enfance*, Paris, Bulletin n.10: L'Autisme, Nouveau Réseau Cereda Diagonale Francophone, p.136-138, jan. 1997.

_____. (dir.) *L'autiste, son double et ses objets*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009. (Coleção Clinique Psychanalytique et Psychopathologie).

PIMENTA, P. R. *Autismo: déficit cognitivo ou posição do sujeito? Um estudo psicanalítico sobre o tratamento do autismo*. 150 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

STEVENS, A. Aux limites du lien social, les autismes. *Les Feuilles du Courtil*, Publication du Champ freudien en Belgique, Belgique, n.29, p.9-28, jan. 2008.

¹ Texto redigido por Paula Pimenta e Cristina Drummond, com base nas discussões do grupo de trabalho do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças do IPISM-MG, que se reuniu durante o 2º semestre de 2009 com Cristiana Pittella, Patrícia Teixeira e Suzana Barroso.

² O Outro de síntese é um conceito-chave para o tema do autismo, tendo sido descrito por Maleval (1997). Ele funciona como um reservatório do objeto real, permitindo estruturar a realidade e preservar o desejo do Outro. O Outro de síntese é holofrásico: um aglomerado de S_1 ordenados, mas sem uma referência externa. Os significantes são organizados uns em relação aos outros, porém permanecem isolados, sem uma amarração que produza um sentido. As proezas dos autistas-eruditos, que tanto encantam, inserem-se nesse Outro de síntese. (Cf. PIMENTA, 2003, p.117-119).